

TIMOTIN, Andrei. *La démonologie platonicienne: histoire de la notion de daímon de Platon aux derniers Néoplatoniciens* (Philosophia Antiqua, v. 128). Leiden: Brill, 2012. XI + 404 páginas.

A obra de Andrei Timotin é uma revisão da sua tese de doutorado, orientada por Philippe Hoffmann e defendida em 2010 na École Pratique des Hautes Études de Paris. Sua originalidade explicita-se na proposta do título: um estudo sistemático da história do conceito de *daímon* (δαίμων) na tradição platônica da Antiguidade clássica. A ausência de uma obra atualizada dedicada a uma análise tão abrangente do tema é enfatizada logo na Introdução. Ao traçar uma pesquisa historiográfica, Timotin recolhe acadêmicos de grande importância como Detienne, Robin, Soury, Heinze, Wilamowitz, e os mais recentes Frederick E. Brenk, Pierluigi Donini, Claudio Moreschini, Rodriguez Moreno, John Dillon. Todos esses realizaram pesquisas fundamentais no assunto dentro de quadros específicos, mas nota-se que a última pesquisa com uma proposta de escopo semelhante foi a de Joseph-Antoine Hild em 1881¹.

Com a Introdução, a obra é constituída de seis capítulos, sendo que, a partir do segundo, cada um tem uma conclusão, e ao fim tem-se uma breve conclusão geral. A bibliografia é volumosa, com mais de 700 títulos em 33 páginas, e índices *locorum, rerum, verborum*. Um achado

para os investigadores interessados. O primeiro capítulo, além de introduzir a proposta da pesquisa, tem relevância e metodologia explicitada, e compreende uma investigação historiográfica. O autor explica que a organização de sua pesquisa segue um princípio que buscou integrar tanto a abordagem temática como a cronológica. A perspectiva temática é delimitada por três categorias que ele identifica como os elementos de continuidade das doutrinas daimonológicas na tradição platônica:

1. A relação entre Daimonologia, Cosmologia e Providência;
2. O papel da noção de *daímon* na hermenêutica da religião no mundo greco-romano;
3. O *daímon* pessoal e a sua relação com a definição da Filosofia e o modo de vida filosófico.

Todos os temas são investigados segundo o critério cronológico (da Antiga Academia aos Neoplatônicos), que, de acordo com Timotin (p.3), possibilita a inteligibilidade das teorias analisadas e expõe a evolução da reflexão daimonológica. Esses são considerados os problemas estruturais da pesquisa e são, efetiva e respectivamente, desenvolvidos nos três últimos capítulos. Os capítulos primeiros visam, portanto, um assentamento do tema até Platão.

¹ HILD, Joseph-Antoine. *Étude sur les Démons Dans la Littérature et la Religion des Grecs*. Paris, Hachette, 1881.

O segundo capítulo, “*La notion de daimōn dans la littérature grecque jusqu’à Platon*”, apresenta uma visão geral dos conceitos de *daímon* na tradição grega antes de Platão: nos poemas homéricos, na poesia, na tragédia, e nos filósofos pré-socráticos. Também organizado em categorias temáticas – *daímon* como entidade particular; como poder divino indefinido; como deidade do destino; como espírito vingativo; como alma dos mortos; ou como gênio tutelar; o capítulo busca discernir a influência exercida pela tradição anterior na daimonologia de Platão, permitindo compreender o campo semântico de base e que tornou possível a transposição filosófica da noção de *daímon* no pensamento do filósofo. O autor parte, então, da definição etimológica do termo *daímon*; sua raiz *dai-* associa *δαίμων* a *δαίομαι* e *δαίς* e aponta o significado de “partilha”, “repartição”. Apoiando-se em autoridades tais como Gernet e Detienne, Timotin assume que o termo gira em torno da noção de “repartição do destino”, e que as várias acepções de *daímones* desse período (potência divina indefinida, espírito vingativo, gênio tutelar etc.) se organizam prevalentemente em torno dessa noção primária de “repartição”. E mesmo tendo Hesíodo feito dos antigos homens da Raça de Ouro, *daímones*, “guardiões dos homens mortais”, Timotin identifica Platão (particularmente em *Banquete* 203c-e) como o formulador da ideia dos *daímones* como mediadores entre deuses e homens, que será o assunto abordado no capítulo seguinte.

O terceiro capítulo, “*Les figures platoniciennes du daimōn*”, trata, portanto, da noção de *daímon* utilizada por Platão,

encontrando-se relação com a maior parte dos âmbitos abordados por sua filosofia: religião, ética, cosmologia e psicologia. São, então, organizados em duas categorias as diferentes figuras platônicas de *daímon*: o *daímon* Eros, intermediário entre os homens e os deuses (*Banquete* 202 d-e), e uma categoria genérica de “*daímones* guardiões”, que reúnem: o sinal daimonico (*δαϊμόνιον σημεῖον*) de Sócrates, o *daímon* pessoal (*República* X, 617 d-e, 620 d-e, *Fédon* 107d), os “guardiões dos mortais” de Hesíodo (*Crátilo*, 397 e- 398 c, *Político* 271 c- 274d, *Leis* IV, 713 d-e), e o *daímon* identificado à parte superior da alma, o *voûs* (*Timeu* 90a-c)

A primeira parte do capítulo é dedicada a figura do *daímon* Eros, tal qual aparece no *Banquete*. Timotin aborda o papel de sua figura como personificação do método filosófico e símbolo do caminho anagógico-iniciático em direção ao suprasensível, que na sua ascendência vai progressivamente do particular ao geral e das realidades sensíveis às inteligíveis. O *daímon* Eros, assim como o tipo de discurso (mítico) que o coloca em cena, cumpre a função intermediária de passagem de um saber contingente (*δόξα*) para a verdadeira ciência (*ἐπιστήμη*). A figura do *daímon* Eros é, então, apropriada tanto como análogo mítico na Filosofia, quanto patrono da religião (iniciações, adivinhações, orações etc.). A segunda parte do capítulo dedica-se aos “*daímones* guardiões”. É também, em todos estes variados casos, o discurso mítico que lhes introduzem, afirma o autor, vinculando-os a variadas temáticas: a vida filosófica (*Apologia*, *República*), a pedagogia socrática (*Alcebiades I*, *Teeteto*), o destino e responsabilidade humana

(*República*), a estrutura da alma (individual e do mundo) (*República*, *Timeu*) e política (*Político*, *Leis*). Será, no entanto, no *Timeu* onde Timotin encontra um pleno uso da noção daimônica em Platão, na assimilação formal do *voûç* a um *daímon*, na sua leitura. Essa noção liga, de maneira mais rigorosa e sistemática que no *Banquete*, o mundo divino e o mundo humano, e determina a prática da Filosofia como exercício da parte divina da alma (o *voûç*), em direção à assimilação ao divino (ομοίωσις Θεώ). É através desta parte superior da alma que se exerce a providência divina. Entender isto permite afirmar que o *voûç* é o verdadeiro *daímon* guardião, e que as diferentes figuras platônicas do *daímon* como intermediário, como guardião dos mortais e como *voûç* são indissociáveis. O *daímon* é, portanto, ao mesmo tempo interior e exterior.

No quarto capítulo, “*Démonologie, cosmologie et théories de la providence*”, Timotin inicia a pesquisa dos vários desenvolvimentos daimonológicos que ocorreram na tradição platônica, desde a Academia Antiga, em particular no *Epinomis*, que ele assume como provavelmente sendo de Filipo de Opus, e em *Xenócrates*, passando pelo *médio-platonismo em figuras como Fílon de Alexandria*, Alcino, Apuleio e Calcídio, até os neoplatônicos Jámblico, Siriano e Proclo. O interesse pela natureza, funções e posição dos *daímones* no cosmos originaram uma leitura teológica e dogmática dos diálogos platônicos. Timotin destaca como a preocupação em harmonizar as diferentes figuras do *daímon* não levava em conta o contexto discursivo e a função ilustrativa e pedagógica que

Platão aplica sob a forma de narrativas míticas, resultando no que ele denomina de uma “*brassage exégétique*” (p.158).

O relato entre as quatro espécies de seres vivos e a série de quatro elementos do *Timeu* 39e-40a é lido em conjunto com a hierarquia teológica apresentada no *Crátilo*, 397d, estabelecendo uma hierarquia teológica em que os *daímones* detêm o papel de mediadores, que o *Banquete* lhes havia assinalado. (202 d-e). Tal interpretação teológica do *Timeu* é encontrada tanto no *Epinomis* como em Xenócrates, porém de duas formas e por duas razões diferentes. Essa daimonologia teológica da Antiga Academia será retomada apenas em Alexandria, no séc I, onde três correntes de pensamento podem ser distinguidas:

1. a identificação dos *daímones* aos “habitantes naturais” aristotélicos (Fílon, Apuleio, e certos estóicos);
2. a repartição inspirada pelo *Epinomis* das regiões do cosmos entre várias espécies de *daímones* (Alcino, Calcídio); e
3. a concepção retomada de Xenócrates de uma continuidade progressiva das espécies viventes (Máximo de Tiro).

Todavia, estas tendências se cruzam e se articulam ao redor de um outro embate, segundo o qual se julga, por um lado, uma hierarquia “estática” de seres divinos (*Epinomis*, Apuleio, Calcídio), onde os *daímones* teriam seu lugar fixo entre os deuses e os mortais, e, por outro, uma ordem “dinâmica”, onde os *daímones* seriam as almas dos homens virtuosos voltando à terra para o benefício dos homens (Xenócrates – provavelmente –, Estóicos, Fílon, Plutarco, Máximo

de Tiro). Nesse contexto, os *daímones* servem para sustentar tanto a unidade e homogeneidade do cosmos, como, pela sua função intermediária, a harmonia que rege as relações entre os deuses e os homens, fundamentando, assim, preces, oráculos e sacrifícios. Mais do que isso, a daimonologia médio-platônica é estritamente ligada, a partir de Fílon, a uma teoria da providência que permite levar a ação dos deuses à humanidade, sem prejudicar a sua majestosa transcendência. Mas a partir de Jâmblico a Teurgia entra em cena e sua abordagem será determinante na daimonologia posterior, particularmente na Teologia de Proclo.

O quinto capítulo, “*Démonologie et religion dans le monde gréco-romain*”, destaca o grande valor da obra de Plutarco. O foco é dado particularmente ao seu cruzamento da daimonologia com as práticas da religião cívica. O filósofo de Queroneia desenvolve uma leitura filosófica do mito, do rito, da mântica e da adivinhação oracular, e associa os *daímones* aos deuses passíveis (ἐμπαθεῖς θεοί) dos dramas místéricos, preservando tanto a impassibilidade dos deuses superiores como o papel daímônico de ligação com eles. Ademais, a passibilidade dos *daímones* parece dar crédito à controversa existência de *daímones* maus, tema um tanto periférico em Plutarco e completamente ausente em Apuleio e Máximo, mas que ocupa um lugar central em Porfírio. Apuleio e Máximo de Tiro desenvolvem, a partir dos princípios formulados por Plutarco, uma interpretação daimonológica da religião, que se apresenta como a apologia filosófica de uma religião para a fé cívica e

pessoal, que visa atender necessidades ordinárias de cada indivíduo. Numa posição antagônica a Porfírio, é Jâmblico quem ditará as orientações desse tema às doutrinas posteriores, e Timotin mostra como Proclo e Siriano herdaram essa sua tradição.

Encerrando a investigação, o sexto capítulo, “*Le culte du daimôn intérieur. Du daimôn de Socrate au daimôn personnel*”, trata do *daímon* pessoal que, obviamente, está estritamente ligado ao *daímon* de Sócrates, assunto que suscitou diferentes opiniões e debates ao longo de séculos. Dentre eles, tal *daímon* pode ser considerado externo, tal qual qual aparece no *Fédon* ou na *República*, ou interno, como a parte mais elevada da alma individual conforme sugerido em *Timeu 90a-c*, segundo o autor; ou, ainda, como em Plutarco (no mito do *De Genio*), ambos interno e externo de uma só vez. Timotin mostra como tal questão, aparentemente insolúvel, encontra uma conciliação original em Plotino (em *Enéadas* III.4). Outra grande questão duradoura foi se todos teriam um *daímon* guardião, ou apenas certos seletos sábios, e ligava-se a ainda outras questões, entre as quais a da “*escolha de vida*” (βίον αἰρεσις), e o *modus communicandi* entre a alma humana e o mundo divino. Encontram-se, assim, importantes contribuições de Plutarco, Apuleio, Plotino (o qual até então não tivera muita presença na pesquisa), e por último Jâmblico e Proclo, todos os quais são lidos meticulosamente por Timotin.

Considerando que o último estudo com a abrangência do trabalho de Timotin havia sido feito em fins do século XIX, e a significativa quantidade de estudos

determinantes para o tema realizados desde então, tem-se aqui uma obra imprescindível a todos os estudiosos e interessados no mundo Antigo. Esse recolhimento deve suscitar críticas, como se espera de um assunto pouco estuda-

do, mas é imprescindível para qualquer investigador em Filosofia Antiga.

Julio Cesar Moreira
jcesar.moreira@hotmail.com
PUC-SP